

**DEFICIÊNCIAS NO PLANEJAMENTO DE SAÚDE MENTAL E SEUS EFEITOS NA
PRESCRIÇÃO DE PSICOFÁRMACOS: ANÁLISE E PROPOSTAS DE MELHORIA****Deficiencies in mental health planning and their effects on the prescription of
psychotropic medications: analysis and proposals for improvement**

**Ana Paula dos Santos Bino¹, Maria Rozaria Dias Adrião², Patrícia Romano de Freitas³,
Aparecida Filipe Martinuzo Filetti²**

¹Acadêmica de Enfermagem. Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo, Brasil.

²Enfermeiro. Doutor em Ciências Fisiológicas. Professor da Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo, Brasil.

RESUMO: Estima-se que um bilhão de pessoas em todo o mundo convivam com algum tipo de transtorno mental. No Brasil, os desafios nos cuidados em saúde mental são significativos, especialmente quando se fala em humanização e acolhimento, o que favorece a prescrição excessiva de psicotrópicos. O objetivo deste trabalho foi identificar os fatores que dificultam a humanização no atendimento de pessoas com transtornos mentais, com foco na relação entre esses desafios e a prescrição de medicamentos. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados MEDLINE, LILACS e IBECs, utilizando os descritores “Saúde Mental”, “Psicotrópicos”, “Acolhimento”, “Medicação”, “Prescrição” e “Humanização”, onde foram selecionados 14 estudos relevantes. Foi realizada a análise descritiva, buscando identificar padrões e tendências sobre fatores que dificultam a humanização do atendimento. Os resultados indicam que a falta de capacitação profissional, a sobrecarga de trabalho e a insuficiência de equipes multidisciplinares são fatores que prejudicam o acolhimento, enquanto a comunicação terapêutica, a ausência de protocolos e a ênfase na medicalização favorecem a alta prescrição medicamentosa para as pessoas com transtornos mentais. Conclui-se que a falta de capacitação e de equipes adequadas prejudica a humanização no atendimento às pessoas com transtornos mentais, levando à alta prescrição de psicotrópicos. Políticas públicas e capacitação contínua são necessárias para melhorar o acolhimento e reduzir a dependência da medicalização.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental; Acolhimento; Medicação; Psicotrópicos; Prescrição; Humanização.

INTRODUÇÃO

Aproximadamente um bilhão de pessoas em todo o mundo convivem com algum tipo de transtorno mental, mas a maioria delas, especialmente 71% das pessoas com psicose, não têm acesso a serviços de saúde mental (OMS, 2022). No Brasil, os desafios na oferta de



cuidados em saúde mental são significativos, especialmente no que se refere à humanização do atendimento e à prescrição de medicamentos.

A humanização, entendida como um conjunto de práticas que visam tratar o paciente de forma integral, respeitando sua dignidade, autonomia e necessidade de apoio emocional, é fundamental para o cuidado em saúde mental. No entanto, estudos evidenciam fragilidades nesse aspecto, principalmente nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), comprometendo o acolhimento e a reinserção social dos usuários (Jafelice *et al.*, 2024). Além disso, a Atenção Primária à Saúde, que é fundamental como porta de entrada para o cuidado em saúde mental, enfrenta desafios semelhantes, como alta demanda por serviços e escassez de profissionais especializados (Santana, 2022).

Com o aumento dos transtornos mentais, a falta de leitos nos serviços especializados tornou-se crítica. Como resposta, hospitais gerais passaram a integrar a Rede de Atenção Psicossocial, expandindo suas funções para incluir aspectos psíquicos e emocionais dos pacientes. No entanto, essa transição para um cuidado integral ainda enfrenta desafios, como a adaptação dos profissionais e a falta de habilidades no tratamento de questões mentais, o que compromete a eficácia do atendimento (Paes *et al.*, 2021). Além disso, o acolhimento humanizado busca atender integralmente às necessidades dos pacientes, fortalecendo os vínculos de confiança e permitindo uma gestão mais eficaz (Kuse *et al.*, 2022).

A prescrição de medicamentos, embora seja uma ferramenta importante no tratamento de transtornos mentais, deve ser utilizada de forma criteriosa e integrada a outras abordagens terapêuticas. A medicalização excessiva e a falta de acompanhamento adequado podem levar a efeitos colaterais indesejados e à cronificação da doença, como alertam (Moraes *et al.*, 2023).

Este estudo tem como objetivo identificar os fatores que dificultam a humanização no atendimento de pessoas com transtornos mentais, com foco na relação entre esses desafios e a prescrição de medicamentos. Os resultados desta pesquisa podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes e para a formulação de políticas públicas mais eficazes na área da saúde mental.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo é sintetizar os resultados de pesquisas existentes sobre os fatores que dificultam a humanização no atendimento a pacientes com transtornos mentais e sua relação com a prescrição indiscriminada de medicamentos (SOUZA *et al.*, 2010). A questão norteadora desta revisão foi definida como: “Quais são os fatores que dificultam a humanização no atendimento aos pacientes com transtornos mentais nos serviços de saúde, e como isso pode estar relacionado à prescrição indiscriminada de medicamentos para esta população?”

A revisão foi conduzida nas bases de dados MEDLINE, LILACS e IBECs, escolhidas por sua ampla cobertura em saúde mental e pela relevância dos artigos disponíveis. Foram utilizados os seguintes descritores: Saúde Mental, Psicotrópicos, Acolhimento, Medicação, Prescrição e Humanização, combinados por meio do operador booleano *AND*. As buscas foram realizadas entre abril e agosto de 2024, resultando na identificação inicial de 1.890 estudos na MEDLINE, 1.280 no LILACS e 74 no IBECs, conforme mostra o quadro 1.

Quadro 1: Busca e seleção dos estudos selecionados na BVS.



Descritores	MEDLINE	LILACS	IBECS
Saúde Mental <i>AND</i> Acolhimento	95	747	15
Saúde Mental <i>AND</i> Humanização	12	384	19
Saúde Mental <i>AND</i> Prescrição <i>AND</i> Psicotrópicos	1783	149	40

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em seguida os estudos encontrados foram filtrados através da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados nos últimos cinco anos, em inglês ou português, com texto completo disponível. Excluíram-se artigos de revisão, monografias, teses, trabalhos duplicados, portarias e manuais. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 581 estudos, como pode ser observado no quadro 2.

Quadro 2: Selecionados após critérios de inclusão e exclusão.

Descritores	MEDLINE	LILACS	IBECS
Saúde Mental <i>AND</i> Acolhimento	51	307	2
Saúde Mental <i>AND</i> Humanização	2	82	2



Saúde Mental AND Psicotrópicos AND Prescrição	104	31	0
---	-----	----	---

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A seleção dos estudos foi realizada em duas etapas: a leitura dos resumos e, posteriormente, a análise dos textos completos. Ao final do processo, 14 estudos foram selecionados por responderem à questão norteadora. A redução do número de estudos ocorreu devido à aplicação rigorosa dos critérios de seleção.

Os dados dos estudos selecionados foram tabulados e organizados em um quadro que incluía as variáveis: título do estudo, autor(es), ano de publicação, nome da revista, metodologia utilizada e principais resultados. A organização dos dados foi realizada utilizando o *software* Google Docs, e a análise dos dados foi de natureza descritiva, com ênfase na identificação de padrões e tendências nos resultados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos 14 estudos selecionados destacou que a ausência de capacitação específica em saúde mental, particularmente no que se refere ao acolhimento e à comunicação terapêutica, é um fator importante que contribui para a desumanização do atendimento a pessoas com transtornos mentais. A sobrecarga de trabalho dos profissionais e a insuficiência de equipes multidisciplinares foram igualmente identificadas como barreiras significativas para a oferta de um cuidado humanizado. No que tange à prescrição de medicamentos, os estudos apontaram que a ausência de protocolos claros e a predominância da abordagem medicamentosa em detrimento de outras formas de terapia favorecem a medicalização excessiva. Além disso, a falta de interesse dos profissionais em estabelecer um vínculo terapêutico com os pacientes, juntamente com a ausência de acompanhamento regular do tratamento farmacológico, foi identificada como um fator de risco para a prescrição indiscriminada.

Dentre os estudos encontrados nos anos de 2021, 2022, 2023 e 2024 tiveram três publicações em cada e no ano de 2020 duas publicações apenas, a revista que mais publicou foi a *Psicologia em estudo* com duas publicações, a metodologia mais utilizada foi a pesquisa qualitativa com 10 estudos, em relação ao idioma todos foram publicados em português e inglês.

A revisão da literatura destaca a relevância dos resultados encontrados ao identificar os principais desafios que afetam o atendimento de indivíduos com transtornos mentais. A ausência de acolhimento adequado e de uma escuta ativa eficiente por parte dos profissionais de saúde compromete a qualidade do atendimento, além de evidenciar a falta de qualificação profissional e visão integrada (Kuse *et al.*, 2022). Entre os principais fatores que levam ao acolhimento não-humanizado, estão a deficiência de estratégias de tratamento e a falta de empatia no manejo das necessidades dos pacientes. Esses mesmos fatores contribuem diretamente para a prescrição indiscriminada de psicofármacos, agravada pela escassez de alternativas terapêuticas eficazes (Alves *et al.*, 2020).

O acolhimento de indivíduos com transtornos mentais é uma tecnologia de cuidado relacional essencial, conforme a Política Nacional de Humanização, que o destaca como um recurso de grande relevância ética, estética e política (Sousa *et al.*, 2023). Ele desempenha um papel fundamental na promoção do vínculo terapêutico, na escuta ativa e no desenvolvimento



da empatia. A comunicação, nesse contexto, emerge como uma ferramenta eficaz de intervenção em saúde mental, permitindo que profissionais ofereçam um atendimento de alta qualidade (Kuse *et al.*, 2022).

Entretanto, apesar dos avanços legislativos e das políticas voltadas para a humanização, os indivíduos com transtornos mentais continuam enfrentando desafios significativos ao buscar atendimento. O estigma social é um dos principais obstáculos, manifestando-se em preconceito e exclusão em diversos contextos. Um exemplo marcante disso é o relato de uma mãe, que, ao acompanhar o filho às consultas, sente vergonha não pela condição do filho, mas pela maneira como ambos são tratados pelos profissionais de saúde (Lisboa *et al.*, 2023).

Outro desafio importante é a disparidade no atendimento entre usuários encaminhados pelas redes assistenciais e aqueles que chegam via poder judiciário. Essa diferenciação sugere que a qualidade do cuidado pode variar, comprometendo a equidade no serviço prestado (Maeder & Holanda, 2024). Além disso, nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), o acolhimento, apesar de ser uma função de toda a equipe multiprofissional, é frequentemente visto como responsabilidade exclusiva de enfermeiros e auxiliares de enfermagem, o que limita seu potencial de promoção de mudanças comportamentais e de redução da insegurança do paciente (Kuse *et al.*, 2022).

A questão da prescrição de psicofármacos também é preocupante. Muitas vezes, a busca por soluções rápidas para as queixas emocionais dos pacientes leva à prescrição indiscriminada de drogas psicoativas, usadas frequentemente como calmantes, sem a devida consideração de alternativas terapêuticas (Alves *et al.*, 2024). Além disso, muitos pacientes relatam não receber informações adequadas sobre os efeitos colaterais desses medicamentos (Pereira *et al.*, 2021). A falta de orientação durante as consultas reflete uma prática clínica ainda centrada na renovação de receitas e encaminhamentos, sem adotar uma abordagem mais integrativa e empática (Militão *et al.*, 2022).

Uma comunicação mais eficaz e centrada no paciente é fundamental para aumentar a conscientização sobre o uso de psicofármacos e seus efeitos. O diálogo e a escuta ativa durante as consultas são essenciais para que os pacientes compreendam melhor suas opções terapêuticas (Pereira *et al.*, 2021). Embora os medicamentos sejam importantes para lidar com a dor e os desafios diários, é necessário que sejam acompanhados por estratégias terapêuticas mais amplas e equilibradas, proporcionando um tratamento mais eficaz (Filardi *et al.*, 2021).

O aumento da polifarmácia é outro fenômeno preocupante na psiquiatria. Muitos medicamentos são prescritos por médicos que não são especialistas em saúde mental, como clínicos gerais, cardiologistas e reumatologistas, o que contribui para a prescrição inadequada e excessiva (Moraes *et al.*, 2023). Essa prática, associada à ausência de um plano estratégico multidisciplinar de cuidado, reforça a centralidade do modelo médico, em detrimento de um modelo psicossocial mais adequado (Sousa *et al.*, 2023).

A criação de grupos que promovam o vínculo entre pacientes, familiares e profissionais pode ser uma estratégia valiosa para reduzir a prescrição de medicamentos e melhorar o atendimento. No entanto, essas iniciativas são frequentemente subestimadas pelas equipes de saúde, com baixa efetividade devido à falta de empenho na implementação (Zorzi *et al.*, 2024). Nesse cenário, os enfermeiros muitas vezes se sentem despreparados para lidar com seus próprios preconceitos em relação a indivíduos com transtornos mentais, o que compromete ainda mais o uso de diferentes estratégias (Kuse *et al.*, 2022).

A relação intersubjetiva e a comunicação eficaz são pilares para o estabelecimento de um vínculo de confiança entre profissionais e pacientes. Habilidades como escutar ativamente, observar com atenção e falar com cautela são fundamentais para um acolhimento humanizado, especialmente no contexto da atenção primária (Kuse *et al.*, 2022). A ausência de planejamento estruturado em saúde mental, por outro lado, resulta em atendimentos marcados pela prescrição



imediate de psicofármacos, refletindo deficiências tanto na triagem quanto no encaminhamento dos pacientes (Maeder & Holanda, 2024).

Portanto, melhorar o acolhimento exige uma mudança na perspectiva dos profissionais de saúde, que devem ver o paciente em sua totalidade, e não apenas como portador de um diagnóstico. A prática da escuta ativa é vital para promover um atendimento humanizado, onde o paciente é tratado como sujeito, e não como objeto, possibilitando um cuidado mais flexível e inclusivo (Jafelice *et al.*, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios à humanização do atendimento a indivíduos com transtornos mentais são complexos, envolvendo tanto questões estruturais quanto culturais. O estigma social, a desigualdade no tratamento e o predomínio do modelo biomédico limitam o acolhimento humanizado, agravados pela prescrição indiscriminada de psicofármacos e pela falta de comunicação adequada entre profissionais e pacientes.

A escuta ativa, o vínculo terapêutico e a abordagem interdisciplinar são cruciais para um cuidado mais empático. No entanto, essas práticas ainda são pouco exploradas, resultando na objetificação dos pacientes. É necessário que as equipes de saúde adotem uma visão holística, integrando intervenções psicossociais aos tratamentos medicamentosos. Portanto, políticas públicas e formações profissionais devem enfatizar a importância da humanização no cuidado a pessoas com transtornos mentais, promovendo a comunicação eficaz e o cuidado relacional, para garantir um atendimento mais justo e equitativo.

REFERÊNCIAS

ALVES, O. E., VIEIRA, A. D. P., OLIVEIRA, S. A. R., RODRIGUES, F. R., SILVA, C. S., MARTINS, P. T., VIDAL, L. E. C., Prevalência do uso de psicotrópicos na atenção primária em um município do interior de Minas Gerais. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 4, p. 61-68, 2020;

FILARDI, R. F. A., PASSOS, F. C. I., MENDONÇA, M. A. S., OLIVEIRA, R. D., Medicalização da vida nas práticas vinculadas à estratégia saúde da família. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 24, n. 2, p. 421-445, 2021;

JAFELICE, T., G., ZILLOTTO, G., MARCOLAN, F. J., Trabalho multiprofissional e integralidade do cuidado na recepção dos profissionais do CAPs. **Psicologia em estudo**, v. 29, 2024;

KUSE, A. E., TASCHETTO, L., CEMBRANEL, P., O cuidado na saúde mental: importância do acolhimento na unidade de saúde. **Espaço para a Saúde**, 2022-2023;

KUSE, A. E., TASCHETTO, L., CEMBRANEL, P., O cuidado na saúde mental: importância do acolhimento na Unidade de saúde. **Espaço para a Saúde**, v.23, 2022;



LISBOA, T. N. L., ALVES, B. M., PAIXÃO, N. P. G. BATISTA, S. C. A., SILVA, R. T. G., SILVA, S. R., O cuidado às pessoas em sofrimento psíquico e suas repercussões na família. **Revista ciência, cuidado e saúde**, v.22, 2023);

MAEDER, J. B., HOLANDA, F. A., Arranjos assistenciais em uma rede atenção psicossocial no sul do Brasil. **Psicologia em estudo**, v. 29, 2024;

MILITÃO, F. L., SANTOS, I. L., CORDEIRO, T. F. G., SOUSA, F. J. H. K., PERES, A. A. M., PETERS, A. A., Usuários de substâncias psicoativas: desafios à assistência de enfermagem na estratégia saúde da família. **Pesquisa Research**, 2022;

MORAES, P.I., BEZERRA, D.G.K., OLIVEIRA, S. F., Avaliação da prescrição de medicamentos psicotrópicos pela rede pública municipal de saúde de Nova Floresta/PB. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, p. 81, 2023;

MORAIS, P. I., BEZERRA, G. K., OLIVEIRA, S. F., Avaliação da prescrição de medicamentos psicotrópicos pela rede pública municipal de saúde de Nova Floresta/ PB. **Revista de Ciência Médicas e Biológicas**, v. 22, n. 01, p. 76-82, 2023;

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Destaca necessidades urgente de transformar saúde mental e atenção 2022;

PAES, R.M., SILVA, C., A., KOWALSKI L., C., NIMTZ. A., M., SILVA. M., B., PAES. G., R., Saúde mental em hospital geral: Percepção da equipe de enfermagem. **Revista online de pesquisa, Cuidado é fundamental**, v. 13, p. 1460-1466, 2021;

PEREIRA, L. E., CORTEZ, A. C. L., FONTES, F. F., SILVA, S. F. M., Medicalização do viver entre usuárias de psicotrópicos na atenção básica. **Revista Polis e Psique**, v. 11, n. 2, 2021;

SANTANA,E. R., Políticas de saúde mental na Atenção Básica: Cenários a partir da perspectiva de trabalhadores da saúde no Jardim Ângela, Distrito do Município de São Paulo. 2022;

SILVA, N. S., LIMA, G. M., RUAS, M. C., Uso de medicamentos nos Centros de Atenção Psicossocial: análise das prescrições e perfil dos usuários em diferentes modalidades do serviço. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2871-2881, 2020;

SOARES, S. P., FEITOSA, A. E., RANDAU, P. K., Perfil de prescrições do programa de saúde mental de uma policlínica de referência no estado de Pernambuco. **Revista APS**, v. 25, p. 583, 2022;

SOUSA, M. J. FARINHA, G. M., LANDIM, S. S. J., LUCCHESI, R., PARANAGUÁ, B. T. T., NUNES, C. F., BEZERRA, Q. L. A. Prática do acolhimento na atenção psicossocial para o cuidado centrado na pessoa. **Cogitare Enfermagem**, v.28, 2023;

ZORZI, N. V., MARTINS, S. S., MACEDO, A. D., SANGIONI, A. L., Promoção de saúde mental na atenção primária: o papel dos grupos de saúde na perspectiva de usuários e profissionais. **Interface, comunicação, saúde, educação**, v.28, 2024.